Numero 23

30 - Agosto - 28

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS:
Por anno 30$000
Por semestre . 18$000
Venda avulsa .. 1$000
GERENTE:
Mauricio Goulart

REVISTA DE ACTUALIDADES
Publica-se ás Quintas-feiras alternadas, em São Paulo
Redacção e Administração
R. Libero Badaró, 23 sob. 2.º andar salas 16 e 17
CAIXA POSTAL 3323
PHONE 2-1024

Preço 1$000

DIRECTORES:
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Pedroso d'Horta
ILLUSTRADOR:
J. G. Villin

Corpo de Redacção:
MERCADO JUNIOR, AMERICO R. NETO, FELIX DE QUEIROZ, DE LIMA NETTO, ASSUMPÇÃO FLEURY

Collaboradores
ALBA DE MELLO (SORCIÉRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, OLIVEIRA RIBEIRO NETTO, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS AFFONSO SCHIMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA. LÉO VAZ, ETC.

O FILHO PRODIGO

O patriarcha soffria pela ausencia do filho.

Os morros, o arvoredo, a torre, o chão da estrada, eram planos onde sua obsessão bailava com rythmos os mais extranhos, vagarosos e apressados, bambos e dolentes.

O rebelde: – um bello animal, crivado de defeitos, carregado de sympathia.

Ha varios annos, que os passos do fugitivo, desappareceram no caminho de lama, faiscante de mica.

— Não ha mal que sempre dure...

Ao olhar mais uma vez para a collina, – um cono azul boiando num horizonte cor de fructas sazonadas, viu, algo de imprevisto, um caminhante que, mais se approximando, mais era o seu filho, o s-e-u f-i-l-h-o.

Um mundo de ternura fel-o abrir os braços.

O filho prodigo não poude articular palavra: horizontes inteiramente desconhecidos tocaram-lhe fibras extranhas.

A casa paterna!!!

As crianças tão meigas que se chegavam..

Tudo tão grande.

— Eu abençoo o arrependimento que te fez voltar á casa.

— E a falta de dinheiro, pae.

LAET DAVID DO VALLE

Vinho Reconstituinte

Silva Araujo

"De preparados analogos, nenhum, a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou extrangeiros; a todos, porém, o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticuloso cuidado de seu preparo, a par do sabor agradavel ao "paladar de todos os doentes e convalecentes".

Dr. B. da Rocha Faria.

. . ,excellente preparado que se emprega com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados.

Dr. Miguel Couto.

. .dou com desembaraço e justiça, o testemunho dos grandes beneficios que me tem proporcionado na clinica. . .

Dr. Luiz Barbosa.

. . .excellente tonico nervino e hematogenico, applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Dr. A. Austregesilo.

.este preparado é um dos melhores que conheço pela sua efficaz acção tonica.

Dr. Rodrigues Lima.

. .me tem sido dado constatar em doentes de minha clinica, os beneficos effeitos do Vinho Tonico Reconstituinte Silva Araujo.

Dr. Henrique Roxo.

Dentre os productos similares destaca-se o "Vinho Reconstituinte" de Silva Araujo.

Dr. Nascimento Gurgel.

. .numerosas são as provas que, desde longo tempo hei colhido de sua bemfazeja influencia tonificante sobre o organismo.

Dr. Toledo Dodsworth.

Estás quasi velha...

Ouve..

Queres que me ajoelhe a teus pés de mulher para dizer, num soluço estrangulado, aquillo que meu amôr de homem quer dizer?

Ouve.

Estás velha, acabada, quasi branca, quasi tremula: sulcam-te o rosto as rugas da velhice, que disfarças com a habilidade da pintura: e ainda és moça. A tua belleza é quasi uma liquidação – e barata. A tua belleza agoniza, obscura, triste, abandonada, esperando, numa ansia indizivel, que te mata, que te enlouquece, que te corrompe, uma, duas, trez aventuras a mais, sem perder, louca e viciada, um dia, uma hora, um atomo, sem renunciar a tristeza immensa e a vasta vergonha de uma opportunidade.

Perdeste a tua mocidade, que nunca mais voltará.

Caminhaste sempre, desde que te conheço e amo – atráz de promessas que boiavam dentro dos olhos dos homens que passaram pela tua vida, sem comprehenderem o encanto de tua belleza.

Perdeste a tua belleza, abysmando-te nas miserias de todos os vicios, de todas as corrupções.

Podes ainda, com a arte de pintar a bocca de sangue, os olhos de preto, enganar, illudir, inspirar paixões. Mas a mim não me enganas, porque conheci o esplendor de tua belleza: foste veneno e perfume que enlouquecia o meu mundo, que tinha a tua côr, a tua forma, o teu encanto..

A tua vida é dolorosa: sei..

Vejo que soffres. As tuas horas são sempre iguaes, mas passam, envelhecendo. Tens dentro do cerebro fechado, dentro de tua mão fechada, caminhando pela via como um grande phantasma desesperado do amor, trazendo em cada olho phosphorescente uma lagrima redonda de saudade... um unico pensamento, que é a tua unica esperança, a tua ultima e triste poesia, que a tua alma canta, soluçando, que a tua bocca soluça, sorrindo, para ninguem comprehender a dôr vasta, espesinhando a tua alma de moça, dentro do teu corpo de velha: o prazer.

Somente eu poderei amar-te. Somente eu, que conheci o encanto, o esplendor, o deslumbramento de tua belleza, que ao passar deixava, vibrando na toalha de perfume intensos. E tu passaste sempre sonhando, sempre cantando.

A tua belleza agoniza, mas encontrarás na minha voz, a tua primavera de amor, de mocidade, perfumada e louca.

E as minhas canções, cantadas, baixinho ao teu ouvido, dirão que és linda, linda, linda.

E serás feliz. .

Porque estou collado á tua pelle :porque te amo: respiro o teu perfume: vivo no teu mundo, triste, sem esperança sem vontade, sem energia, sentindo os meus pensamentos dissolverem-se, inuteis e fracos, dentro de uma dor immensa que me ensinou a ter piedade de ti.

A tua belleza agoniza.

Espera-te amanhã, o espectro da solidão e do abandono.

Não terás ninguem, nem uma palavra tremula de ternura, nem uma caricia suave.

E, no mundo, que é máu, só ha uma tristeza terrivel: envelhecer sosinha, pallida e triste, sem nada, sem tecto, sem pão, sem carinho, sentindo os castellos dourados da illusão ruirem ao redor das cousas da vida, que se vão desagregando... Vem... vêm commigo... vem, porque ainda tens nos olhos, doentes e doces, sonhos de amôr e vislumbres de desejos. .

ADRIANO GENOVESI

AUTO DE PERGUNTAS

Para reanimar um tresnoitado só mesmo o madrugar tranquillo dos campos! O clarão marasmado no horizonte; o esfumado da paizagem; a immobilidade das arvores á beira dos caminhos cheios de sombras e o silencio envolvente que desce vagaroso dos cimos illuminados, produzem o bem estar triste e a paz intima que induzem aos pensamentos extranhos ao cançaco da vida Talvez porisso já me não lembrava de uma noite passada ao lado da febre, ouvindo tosses e gemidos e regressava ao passo animado de Espada, entregue aos frivolos pensamentos matinaes que nos compensam por instantes dos soffrimentos do corpo.

E pensava, suggestionado pelo silencio umbroso da alvorada: Não ha, decerto, nos mattos, a quantidade phantastica de passaros que consta das narrativas, dos versos e das descripções que fazem os sonhadores, de selvas encantadas. Os passaros que moram nas arvores – numerosos e variadissimos – só se mostram aos poucos, de um em um, espalhados por toda a parte, em vôo inesperado e fugaz. Cantam isoladamente – um aqui, outro alem – jamais na lyrica orchestração dos poetas que celebram a natureza de penna em punho, a poder de cigarros, no recolhimento astucioso dos gabinetes. Se elles se quedassem ao silencio das auroras, de certo ouviriam somente a Maria-Franca, poisada no galhinho mais alto das arvores, piando suavemente, um pio só, repetido, continuo, em surdina com a luz nascente..

Mas voltemos á vida, á estrada e ao cançaço, que são coisas que andam sempre juntas, e pensemos, emquanto o cavallo regressa contente ao seu curral, no que se deve fazer a uma pobre moça que se ficou a morrer de pouco em pouco. Talvez, naquelle instante, outros passaros cantassem nos bosques afastados e outros pensamentos frivolos me voltassem, porque o silencio da manhã era cada vez maior e, subitamente se fez immenso, quando ouvi, na monotonia das cantigas, matinaes da paizagem, um berro melancolico, um berro de alarma e piedade, sahido a garganta rouca...

— O' das almas! O' das almas!...

E passou por mim em cortejo sinistro, sahido das sombras duma encruzilhada. Dois homens conduziam a trote rapido uma rede de defunto e, acompanhados por um outro, no mesmo andar, lá se iam em direcção a villa. Quando passavam lhes perguntei:

— Quem vahi ahi?

— O Zé Faustino.

— Que Zé Faustino?

— O peão.

— De que morreu?

— De faca.

E la se foram, estrada em fóra, mais rapidos que o meu cavallo, a trotar, conduzindo o fardo tão lugubre como o clamor no silencio da madrugada:

— O' das almas! O' das almas!...

E' assim que elles costumavam conduzir os seus mortos. Quando morre alguem nos bairros afastados, passam os visinhos a velar e a jogar, animados pela "fervida", emquanto o defunto enrija entre duas velas. Antes de romper o dia, amarram com um lençol o o cadaver, ao longo dum pau roliço, cobrem-no depois com outro lençol atado nas estremidades da vara. Terminada a rede, viram num golpe a ultima tijella de pinga, sublevam o fardo e partem para a villa em passo accelerado. De caminho, quando avistam ao longe alguma casa a beira da estrada, chamam em altas vozes:

— O' das almas! O' das almas!

Então sahem das casas outros homens, vestindo ás pressas o paletot, alcançam o cortejo que vai passando e, sem o deter, tomam a rede nos hombros e proceguem no mesmo andar. Os que vêm, retrocedem, emquanto os moradores da estrada, despertados ao clamor plange, se vão rendendendo e, assim, rapidamente, dão com o justo na cova..

Quando voltei á casa, já me aguardava o estylo autoritario do delegado de policia, uma intimação para auto de corpo de delicto. Em obediencia ao estylo e á minha contingencia, fui a elle.

No corpo da guarda da cadeia, sobre uma mesa larga de pinho, jazia descoberto o cadaver de Zé Faustino. Varias exclamações, varios quesitos foram propostos, mas havia uma facada só, profunda, na região da clavicula esquerda. Com a rijeza da morte, a epiderme do cadaver se contrahiu e a ferida se transformou numa bocca livida..

— Este foi bem alinhavado! Disse o escrivão, alinhavando, por sua vez, o auto.

Dalli passamos á sala onde nos aguardavam as exigencias da lei, na pessoa dum alferes mulato. Satisfeitos a lei e o mulato, ia eu a sahir, quando o meu companheiro de intimação e auto, querendo que tambem o acompanhasse na sua curiosidade, me induziu a ficar, farejando um drama ensanguentado, no auto de perguntas a que iamos assistir.

O homem que ia responder á lei mestiça e impertigada, tinha aspecto sympáthico, uns ares timidos, e mais parecia covarde que assassino sanguinario.

— Como se chama? Perguntou-lhe o delegado.

— Pedro Barbosa.

— Que edade tem?

— Trinta e cinco annos.

— Qual é o seu estado? E' casado, solteiro, ou viuvo?

— Eu.. sou casado.

— Qual é a sua profissão? Em que cuida, qual o seu meio de vida?

— Vivo de jornal. Sou camarada viajante; trabalhador de enxada; trançador de couro crú e tirador de madeira.

— Onde nasceu?

— Aqui mesmo na villa. Não tenho pae nem mãe e fui creado pelo meu padrinho, seu capitão Luiz Lopes que tambem já morreu...

— Sabe porque está preso?

— Sei, sim senhor.

— E o que tem a dizer sobre o motivo porque foi preso?

— Nada, não senhor.

— Pois então não matou o Zé Faustino?

— Matei, sim senhor.

— Diga então o que sabe, esclareça a justiça sobre esse facto.

— Eu lhe digo, sim senhor. O caso todo o mundo já sabe. Eu mesmo vim, de livre vontade, me entregar, porque a gente paga aqui mesmo o mal que faz... Eu até já estou ficando meio arrependido do mal que fiz, mas como não tem arranjo para a morte do outro, eu mesmo é que devo pagar...

— Não é isso, conte o caso como foi.

— Não vê que esse Zé Faustino e eu fomos sempre amigos, desde o nosso tempo de moleque aqui na villa. Quando morreu meu padrinho, fui trabalhar na fazenda de seu João Luiz, irmão delle e depois fiquei morando nella, de aggregado, numas terras na beira do caminho. Ha dois annos – eu já era casado – o Zé Faustino empreitou com seu João Luiz um terno de mulas para amançar.. O Zé Faustino era peão; desde rapazinho elle gostava de animal e como era muito corajoso e experto, num instante fez nome. Mula que elle não quebrava não tinha arrumação. Mas – Deus que tenha a sua alma em bom logar – era muito atrevido e useiro em mexer com a mulher dos outros. Em todo o caso, no tempo em que elle esteve na fasenda, amançando as mulas, fomos sempre amigos; tanto que todos os domingos caçavamos juntos no matto, e, de tarde, elle ia jantar na minha casa, commigo e mais a minha companheira. Mas eu nunca cheguei a ver nada de desconfiar. A minha mulher era uma moça seria, duma qualidade de gente boa que tem da outra banda da serra. Nós casámos por amor e, com a bençam de Deus, estavamos vivendo na paz do trabalho e da familia. Para minha mulher nunca faltou nada em casa, nem agrado! Mas o Zé Faustino levou tempo amançando os animaes e, tantas vezes jantou commigo que, por fim, desconfiei delle. Dahi era geitoso para lidar com saia e minha mulher, não digo que facilitou nem deu corda, mas era boba – toda a gente boa é assim – e o Zé Faustino aproveitou... Por felicidade nossa o trato da domação acabou e elle voltou para a villa. Com o tempo me esqueci do caso que já ia me enfezando; minha mulher continuou sempre boa e ficamos em paz, graças a Deus!

— Mas o caso de hontem? Reclamou a impaciencia do alferes.

— Ha coisa de dez dias, o Zé Faustino voltou para repassar uns cavallos da fazenda. Procurou outra vez a minha casa, entrou, conversamos os tres juntos, tomou café e, dahi, voltou todas as tardes, depois que acabava o nosso serviço. Não gostei nem um pouco daquellas visitas, porque elle estava agora mais confiado e a minha mulher mais enlevada nas patranhas delle.. Eu não vi nada de comprometter nenhuma honra, mas fiquei de pé adeante e comecei a sentir que já estava me voltando o mesmo enfezámento que tinha passado... Hontem cedo fui chamado na villa para fazer uma viagem de proprio, mas a pessoa não precisava mais do meu serviço porque já tinha recebido a resposta da carta. Então voltei para casa... Antes Deus me tivesse matado no meio do caminho!

Assim que cheguei em casa fui entrando sem cuidar no precipicio que estava me esperando lá dentro

Não sei o que entrou no meu corpo quando esbarrei com o Ze Faustino sentado na canastra, com a minha mulher no collo!... O demo tomou conta de mim duma vez e me empurrou sem juizo para o lado delles. Minha mulher se levantou num repente, tremendo alvoroçada e elle, nem mexeu da canastra! Ahi, eu disse: "Sae daqui desgraçada, segue a tua sina! Mas este maldito, nunca mais ha de sujar casa de ninguem!"

Então, seu alferes, cheguei bem na frente do cujo e nunca, na minha vida, dei uma facada tão gostosa!...

— Seu escrivão, escreva:..

A. de Queiroz

Offerta de noivado

Eu vou te dar um vestido
Da musselina do ar;
Do sol tirarei o ouro
Com que o tenho de bordar!

A saia é de renda fina,
Da branca renda do mar,
E o corpête é dessas nuvens
Que se embalam pelo ar.

E' um vestido de noiva
Esse que te quero dar:
Da aurora tiro os enfeites
Com que o tenho de enfeitar.

Hei de fazer o "bouquet"
Só de flores naturaes:
Das flores que desabrocham
Nas auroras boreaes!

Para a grinalda de virgem
Tenho as estrellas do céo!
Tenho faixas de luares
Para fazer o teu véo!

Vou-te dar uns sapatinhos,
Um mimo que é um primôr;
Uns sapatinhos talhados
Em duas pet'las de flôr...

Has de ficar mais formosa
Que as santas virgens do altar,
Com teu branco véo de noiva
Feito da luz do luar!

Quando formos para a igreja
E os lyrios pelo caminho
De inveja se fanarão. .

O teu vestido de noiva
Eu mesmo te quero dar:
Do sol tirarei o ouro
Com que o tenho de bordar.

Amarilio de Alencar

ARIEAVIM

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
PEDROSO D'HORTA

PUBLICA-SE EM SÃO PAULO

ANNO I — 30 de Agosto de 1928 — N. 23

MARIA CLARA

Maria Clara, sem embargo da poesia cantante do seu nome, é das prosaicas creaturas, que eu tenho encontrádo na prosa desbotáda desta vida.

Não é moça, não é bonita, não é interessante. E ao lado destes predicados negativo, têve ella, dêsde os primeiros clarões de sua juventude, a commovedora e inoffensiva mania da litteratura e das phrases de effeito.

Aos dezeseis annos, já se havia deliciado e commovido com tôdas as novellas de Escrich, de Ardel, de Delly e outros que taes. Colleccionára todos os folhetins de jornal. E, não raro, em passagens emocionantes, o papel amarellara-se com as suas lagrimas. Fizéra-se a heroina de tôdas as historias de amôr que lhe passaram debaixo dos olhos. Sabia de cór duzias e duzias de sonêtes. (Era essa a designação que dava a tôda e qualquer fórma de poesia).

Adjectivara os seus olhos e a sua pessôa com tôdos os qualificativos sonóros e melancolicos que lhe occorreram á imaginação.

Não concebeu nunca que pudésse casar-se um dia a não ser com um mancebo esbelto e sonhador, de olhos enfeitádos de tragedias, em scenarios propositaes de noites enluaradas, com raptos, lagrimas e punhaes. E não se casou mesmo. Nem com isso, e nem sem isso. Naprimeira reprovação da Escola Normal, pensou em suicidio. Iôdo, creolina, sóda caustica... Por fim, chamou-se a si mesma de *incomprehendida* e desistiu de suicidio.

E os annos passaram. A flôr tão adjectiváda da sua mocidade, ninguem a quiz colher. E ella tornára-se tão menos exigente!.. Amputára ao seu ideal os olhos sonhadores e tragicos, os raptos, os punhaes.. Já se contentava com bem pouco; o pharmaceutico, por exemplo: homem serio, trabalhador, calvo, um principio de obesidade.. E algumas lagrimas.. Tôdo mundo chora pra casar.. Mas, nem isso!.. Ella ficou para tia. Cuidou dos sobrinhos, brigou com os cunhádos, lastimou as irmãs e.. invejou-as silenciosamente. Indignou-se tôdas as vezes que lhe deram o sobrenome do cunhado — "E' isso! Solteirona nem nôme tem!"

Hoje, resignou-se. Tem algo de philosopha. (Ella não sabe o que é isso, mas tem). Dá conselhos e suggestões de graça. Gosto até que lhos peçam.

Tem uma lagrima e um adjectivo adequádos a cada novidade que lhe contam. Diz mal da carestia da vida, da mocidade de hoje e do egoismo masculino. Dos aureos tempos da sua juventude, só conserva uma mania: a da literatura. Melhorou um pouco o seu paladar literário. Lê alguns livros *sérios*, que não entende mas dos quaes guarda algumas palavras e phrases soltas, que nada significam para ellas, mas que passa adeante porque as acha do effeito? — "Scepticismo. Philosophia dos estoicos. Dissecação mental. Analyse impiédosa. Ironia da vida", etc...

E ahi está em que se resume a poesia cantante dêste nome — resultado feliz de serias e demoradas controversias de seus progenitores, antes de ella descer a este Valle de Lagrimas:

— Maria Clara!

ELSIE PINHEIRO

MASCARA DE COLOMBINA

Janellas abertas

I

Eu conheci Branca-de-Neve. Era a garota mais linda do meu bairro. Ia e vinha a vender flôres, na manhan de sol de uns dezoito annos ingenuos.

— Um mólho de cravos, meu senhor? E estas rosas? Olhe: se eu fosse moço, compraria todas as rosas da terra para espalhar pelo caminho em que passasse o meu amor. .

E ria. Pelos olhos e pela bocca. O seu riso tilintava, como uma moeda de oiro, que percutisse a concha sonora da vida.

II

— E depois, Branca-de-Neve?

— Depois. . E' a historia de sempre, meu senhor. Senti uma punhalada aguda nos pulmões e, uma tarde, que tarde, Deus do ceu! salteou-me a primeira hemoptyse. Os olhos de Branca-de-Neve brilhavam, como lampadas tristes. Figurinha de cêra pallida, dir-se-ia um lyrio que o Destino houvesse pisado.

III

Tenho piedade de ti, Branca-de-Neve:

Já se apagou, na claridade festiva das manhãs a tua voz de crystal. Mas, ouve bem: tenho piedade de ti! Porque, engastados na porcellana clara do teu corpo, que é uma amphora ifna e clara, os teus olhos de tuberculosa, agonizantes e melancolicos, me lembram umas aguas-furtadas, — com duas janellas abertas...

MANUEL CASASANTA

DONA CAINDA.

Desde que eu vi *vancê*, *num* me *alembrei* mais do *luá*, das *estrella*, da luz do sól.

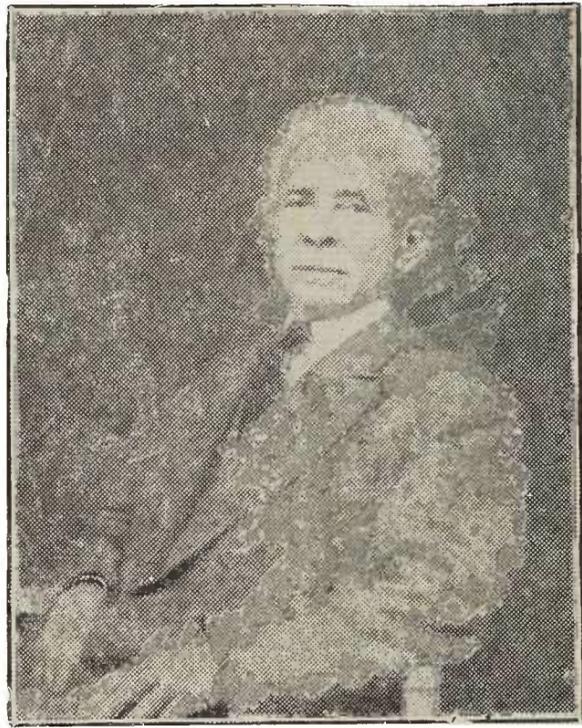
Esqueci os *passarinho* que faz a matta verde bonita, com a fartura dos seus *lamento*. Esqueci a sabiá que dorme com a *plumage* virada *p'ro* vento que passa por entre os *galho* dos *cajueiro*. Isso tudo porque *vancê* tem mais clarão nos *ôlhos*; porque *vancê* quando canta, tem mais doce na voz, porque *vancê* refresca o peito da gente, com o seu sorriso formoso.

Desde que vi *vancê*, meu coração se abrio. Elle era fechado como a *sordade*. Fiquei *cuma* doidice tão forte, quando vi *vance*, que a minha bocca lhe chamava, cahia agua dos *ôio* e os meus *braço pedia* a cintura de *vancê*, p'ra *cheirá* os seus *cabello*.

Quer *casá* commigo, dona?

Manoel – aquelle que *apanhô* a *flô* que *vancê jogô* no riacho.

Daniel de Oliveira Carvalho

recentemente fallecido em Porto Ferreira, chefe de numerosa familia e sogro do nosso director Sud Mennucci

ESPLENDOR QUE PASSA

Era uma creatura ultra chic e de radiosa belleza. Alta, esguia, ondulante, com gestos em que se atraiçoavam as distincções de um espirito aprimorado, era um dos typos mais perfeitos das rodas elegantes. No seu todo havia um aflorar de delicadezas, de subtis e entontecedores venenos, que derramavam em torno uma aura de enleante fascinação.

Gostava de vê-la, com o seu ar de vencedora, impondo a sua graça na **féerie** dos salões, onde as audacias dos seus apuros quasi chocavam certas sensibilidades! Admirava-lhe os modos, de uma originalidade fortemente vincada, o quid de rebeldia que faulava nos seus olhos, a determinação, em todos os seus movimentos da mulher consciente da sua belleza, e que sabe ser dona do segredo de provocar desapoderados enthusiasmos e atear inextinguiveis labaredas!

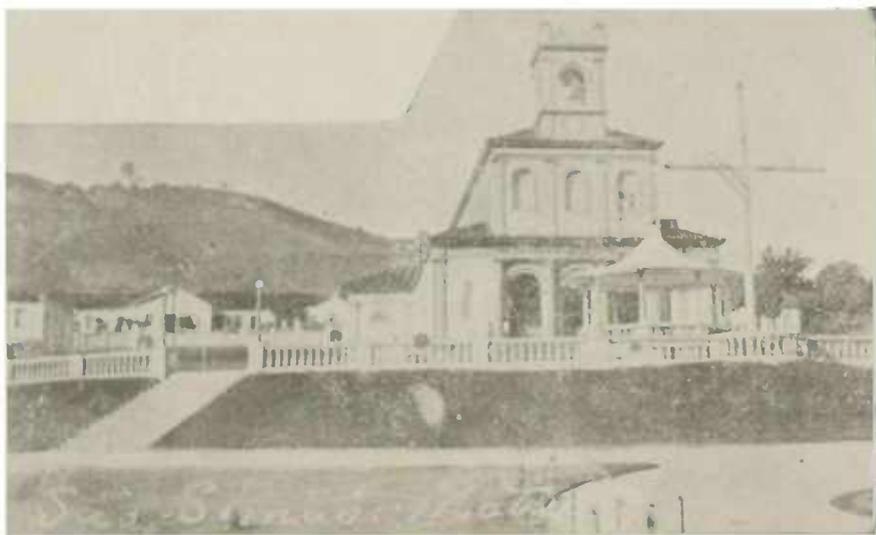
Homens insensiveis ao prestigio dos encantos femininos, ou que, talvez, viravam amargos juizes sobre o desmantelo das suas investidas inuteis — chamavam-n'a depreciativamente de melindrosa. E sem o querer lhe faziam o elogio. Porque para que a mulher seja melindrosa, ou o que melhor nome tenha, agora, é preciso que possua todos os dons com que se exerce a irresistibilidade, é preciso ser fina, chic, habil, galante, resumindo harmoniosamente todos os refinamentos da graça.

Mas essa creatura, fingindo-se indifferente ás admirações que aos seus pés se disputavam, ás reverencias que a seguiam, a todos olhava d'alto, sem colher a guirlanda de uma homenagem, sem esboçar um gesto de acoroçoamento. A sua vida era vivida no mundo que ella mesma se creára, um mundo em que se adivinhavam maravilhas, mas que a todos se furtavam.

Tudo, porém, passa, e o prestigio da mulher é mais transitorio que a classica e revelha rosa de Malherbe.

Hoje tornei a ver a melindrosa de tres annos atrás. Que differença! Casou com um funccionario publico. ("Pardon", srs. funccionarios!) Alastrou-se em protuberancias enxundiosas, amolleceu o gesto, aburguezou a expressão, perdeu suas bellas singularidades, misturou-se mediocremente ao commum. E' uma mulher destituida completamente dos predicados com que se impunha, não deixando siquer transparecer, através da sua decadencia, um pallido reflexo da gloria passada.

E' doloroso! Mas por que será que é tão curto o periodo de esplendor da maioria das mulheres? E como é que ainda ha por ahi meninas que se illudem, pensam que o seu dominio irá longe, e não aproveitam com intelligencia o breve tempo de fausto, que avaramente se lhes concede?

AMERICO BRUSCHINI

São Simão, que tambem recebeu a visita da "Caravana"

CINCOENTA DIAS

Depois de Barretos - Araraquara.

Araraquara, a terra governada por Plinio de Carvalho, o prefeito competente e querido e deputado illustre. Lá, tinhamos a nossa festa collocada sob o patrocinio da senhorita Maria Plinio de Carvalho, que, auxiliada por uma commissão grande de moças, fez para o "Arlequim" uma serie infinita de gentilezas, pelas quaes lhe somos gratissimos e das quaes não nos esqueceremos nunca. No mesmo dia da nossa chegada, assistimos a um jogo de tennis organizado pelo professor Sizenando da Rocha Leite, director do Tennis Club de Araraquara e nosso querido amigo e represetante. No jogo, venceram as morenas, ás quaes o "Arlequim" offereceu autographos de Alvaro Moreyra, Mario de Castro e Coelho Netto. A' noite desse mesmo dia — 1 de julho — a caravana assistiu ao sumptuoso baile que lhe foi offerecido, no theatro Municipal. Na noite seguinte, espectaculo, o primeiro que a caravana organizou em Araraquara e no qual foi auxiliada pelas senhoritas Maria Plinio de Carvalho, Nenê Somenzari, Carmen Gimenez, Lolita Gimenez, Angelica Isique. Na noite de 3 de julho realizou-se mais um espectaculo, e no dia 4, cheia de saudade, a caravana partiu para São Carlos.

Ainda na Comp. Cafeeira Britanica

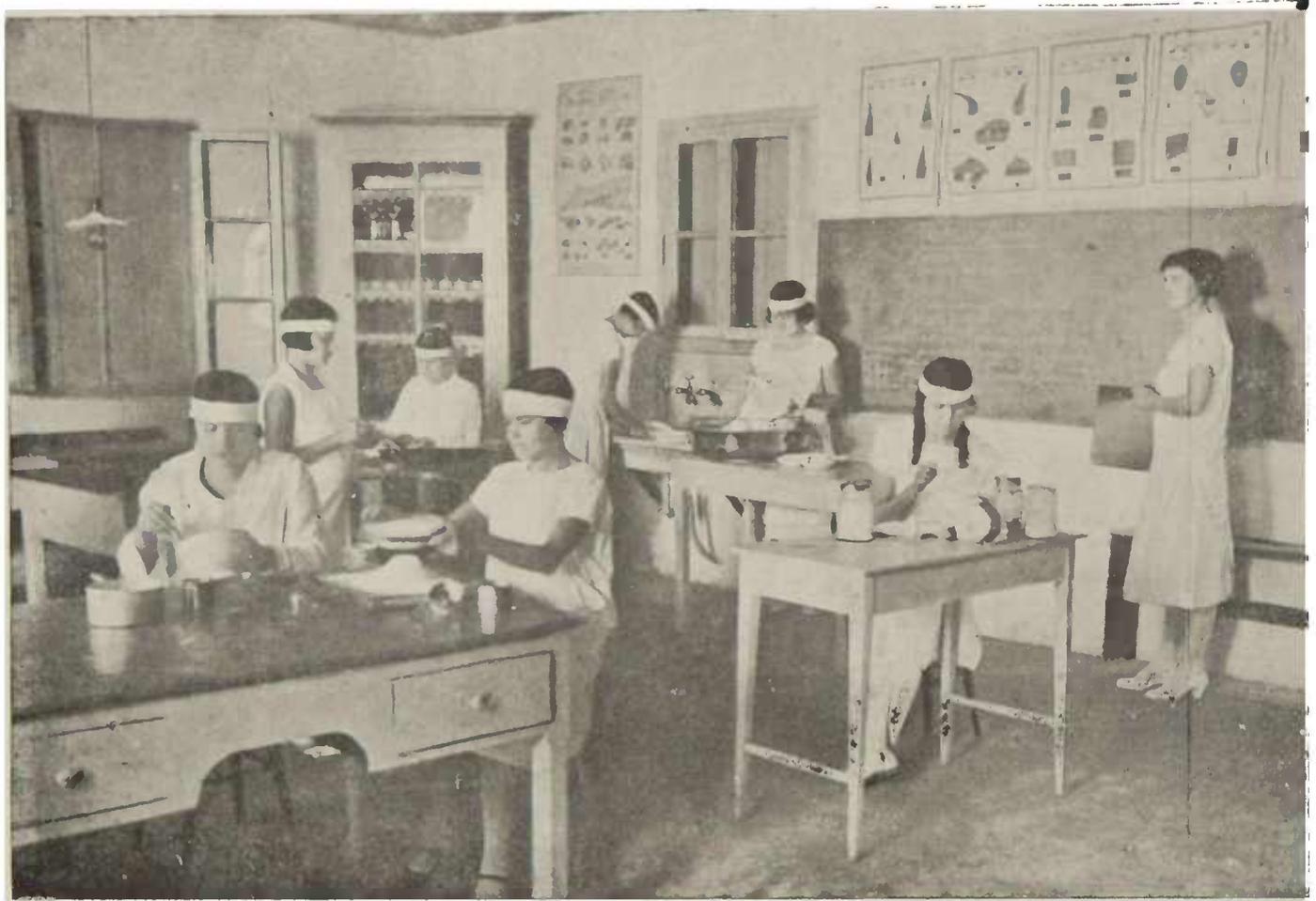
Na estação, esperavam-nos o dr. Elisiario F. de Araujo, distincto advogado alli residente e cujo auxilio foi, em São Carlos, o mais precioso que poderiamos desejar. o professor Ottoni Pompeu Piza,

Como se divertem os empregados da Comp. Cafeeira Britanica

nosso amigo e representante, alem de um numero enorme de senhoritas da melhor sociedade dalli, entre as quaes encontravam-se as que nos auxiliaram nas representações. Em seguida, depois de tirar uma photographia na qual figuraram os directores do Tennis Club de São Carlos, que patrocinou a nossa festa, o sr. Paulino Botelho, prefeito da cidade e que tudo fez para o nosso exito, senhoritas e nós, os da caravana, acompanhados pelo sr. Paulino Botelho e dr. Elisiario de Araujo visitamos a cidade — um encanto! A' noite, tivemos o baile que nos foi offerecido pelo Tennis Club e na noite seguinte realizamos o nosso espectaculo em São Carlos, no qual fomos coadjuvados pelas senhoritas Ruth Ortiz de Araujo, Lucy Galvão Veltri, Nair Galvão Veltri, Nair Ferraz de Camargo, Erna Fehr, Elvira da Silva Diogo.

Casa de residencia da Companhia Cafeeira Britanica, de Cravinhos

De São Carlos, seguimos no dia seguinte para Rio Claro. Mas, por muito e muito tempo, ficaremos ainda a pensar cada dia nessas duas cidades — Araraquara e São Carlos — onde a caravana "Arlequim" passou alguns dos seus melhores dias!

Carlos Alberto, filho do sr. Adalberto Bueno Netto, prefeito de Catanduva, e da sra. Elsa Magaldi Bueno Netto.

Aspectos do antigo Collegio "PIRACICABANO", hoje Gymnasio equiparado em Piracicaba. Estabelecimento fundado em 1881, alli trabalhou Miss Browne, a grande educadora que collaborou na reforma Cesario Motta-Caetano de Campos em 1892

Ainda no Gymnasio Piracicabano

ROSAS

Rosas, para enguantar las primorosas
y perfumadas sedas de tus manos;
rosas para calzar tus piés enanos,
y, para traje de tus formas, rosas.

Rosas, para enflorar las deliciosas
quimeras de tus sueños soberanos;
rosas, para tus íntimos arcanos,
y, para todos tus caprichos, rosas.

Rosas, en los perfumes orientales
a que trascienden tus poderes reales
cuando pasan tus formas olorosas.

Rosas de tus rosales invisibles,
para yo adormecer los imposibles
de este ardoroso codiciar tus rosas !

Luis Antonio Miranda.

ROSAS

De *Luis Antonio* ***Miranda***
(Portoriquense)

Rosas, para enluvar as primorosas,
fidalgas mãos, de gestos elegantes;
rosas, para calçar teus pés galantes
e, para traje do teu corpo, rosas.

Rosas para enflorar as deliciosas
chiméras dos teus sonhos delirantes;
rosas para os teus olhos arrogantes,
e, para os teus caprichos todos, rosas.

Rosas, de um bom perfume, capitoso,
que emana do teu corpo donairoso,
quando passas, formosa entre as formosas.

Rosas, dos teus rosaes immarcesiveis,
com que eu possa apagar estes horriveis
zelos que tenho dessas tuas rosas.

Dieno Castanho.

NUM MAR DE ROSAS

EM SÃO CARLOS

IMPRESSÕES DA CARAVANA

NAIR FERRAZ DE CAMARGO

Mas a você eu confesso,
E muito segredo peço
E peço sabe porque?
Porque um tal meu amigo,
Cujo nome aqui não digo,
Ficou "louco" por você!

SEHORINHAS ORTIZ ARAUJO

Ondina, Ruth e Jandyra!
E' mais pobre a minha lyra
Que um pobre no fim do mez...
Mas apesar da pobreza
Decanta a delicadeza
Que encontrou em todas tres!

LUCY GALVÃO

Confesso meu embaraço:
— Não sei si faço ou não faço
Um verso a Lucy Galvão:
E si não fosse esse medo,
Divulgaria um segredo
Que ella tem no coração.

ERNA FEHR

A romanesca ternura
Que meigamente possues,
Está no azul-formosura
Desses teus olhos azues!

ARLEQUIM

ODILA FERRAZ CAMARGO

A juventude scintilla
Na figurinha de Odila
Como o sol pela manhã.
E com essa mocidade
Ella tem toda a beldade
Que possue a sua irmã!

Em S. Carlos, que porção
De moças deram a mão
Para ajudar "Arlequim"!
— E o boneco penhorado
Mil vezes muito obrigado
Lhes manda dizer por mim.

ELVIRA DA SILVA DIOGO

Elvira! Peço a palavra
Com versos da minha lavra
Pois não sei fallar em prosa:
E digo em termo maluco
Que você foi mesmo "o succo"
No papel de "melindrosa"!

ARACY SILVA

Já disse um rifão antigo
Que o mais terrivel veneno
Está num frasco pequeno;
Vendo a sua intelligencia,
Vou dizendo cá commigo:
— "Tambem a mais fina essencia!" —

DR. FELIX

CANÇÃO DE UM TRISTE

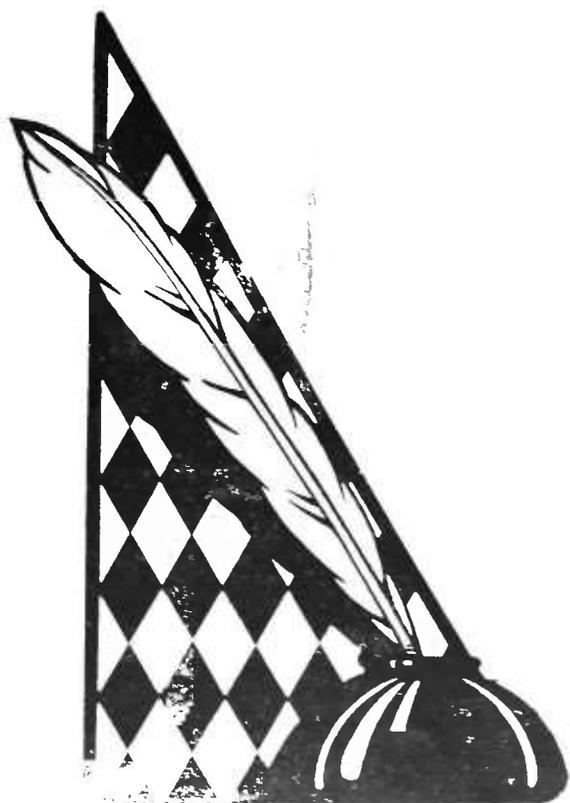
(PARA A SENHORINHA TOTA FRANCO DA ROCHA)

Segui na vida procurando
o summo bem que o amor nos traz. .
Em torno a mim, aves cantando.
Campos em flor ficando atraz.
E eu nesse sonho arrebatado,
nessa esperança embevecido,
fui como um triste alucinado
das proprias dores esquecido.

Quanto sonhei! Quanta esperança
em torno a mim. Dentro de mim. .
Nunca suppuz que um sonho assim
fosse uma luz que não se alcança!...
Aves cantando pela estrada.
Paz e socego nos caminhos.
Perto de nós: — os passarinhos.
Dentro de nós: — a madrugada.

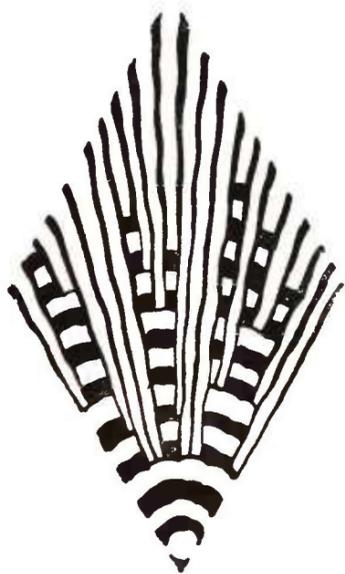
Quanto te quiz! Que estranho laço
fez de nós dois quasi que um só. .
Ter como vida: — o teu regaço...
Morto: — o meu pó junto ao teu pó...
E as almas tremulas e unidas,
garças errantes, companheiras,
ainda da morte confundidas
dentro das trévas derradeiras...

Mas esses sonhos dissipados,
todo o clarão de que vivemos,
eu esqueci.. Nós esquecemos...
Que dois enormes desgraçados!
Ha dentro em mim como um vasio...
No fundo d'alma a dor de uma ancia..
Que triste flor a da inconstancia
Boiando morta á flor de um rio..

E eu sigo só, pelas estradas,
sob este céu longinquo e eterno...
Em torno a mim: — aves caladas...
Pensam, talvez, que eu seja o inverno!
Vou ruminando a minha dor...
Onde encontrar um ente amigo
Que venha aqui, rezar commigo
os funeraes do nosso amor?

CANTO E MELLO

Aspecto da solemnidade da despedida do dr. Renato Toledo e Silva, ao deixar o Forum Criminal, transferido que foi para o Forum Civel

Dizem que existiu uma princeza,
não sei em que região maravilhosa,
que não chorava e não sorria,
diante da dôr ou da alegria.
Sua alma era tão fria, era tão fria,
que, se beijasse o seio de uma rosa,
a rosa, com certeza, morreria...

Ninguem sabia a historia dolorosa,
a intima agonia,
dessa princeza silenciosa,
que não chorava e não sorria,
diante da dôr ou da alegria!

Ninguem, naquella terra, comprehendia
que, sendo bella, fosse desditosa,
que, sendo rica fosse escrava.
E a misera princeza não sorria,
e, por orgulho, não chorava!

Quando a tarde de opala fenecia,
para os lados do poente o olhar tristonho
alongava, alongava, e nunca via
o principe encantado que viria
arrebatal-a num corsel de sonho!

Ninguem sabia a historia dolorosa,
a intima agonia,
dessa princeza silenciosa,
que não chorava... nem sorria..

Paulo Corrêa Lopes

Photographia de indias da fronteira brasileira-boliviana, que nos foi gentilmente cedida por Raul Bopp, nosso grande amigo e grande poeta.

Um pintor paulista

Hugo Adamis — pintor paulista que nunca expoz em São Paulo. Andou, numa peregrinação espiritual pelos museus e galerias da Europa, concorreu em varios certames sensacionaes. Agora chegou a vez de sua terra conhecer a obra vigorosa com que conquistou, lá fóra, merecidos triumphos. Vamos ver se desta vez desmentimos o proverbio de que santo de casa não faz milagres... Hugo Adami inaugurará a sua exposição em setembro proximo.

A M A R E L L O

E's o ouro que fascina o proletario, immerso
Na magoa de ser pobre...
Iman que torna forte o fraco, e cobre
De seda e de velludo as chagas do universo!
E's o sol que fecunda a terra! O sol bendito
Que illumina o Infinito,
Tão triste e tão vasio...
E's o mel saboroso; és o fructo sadio
Que doira os laranjaes.
E's aquella
Singella
Flor, sempre viva e sempre bella,
Que não morre jamais.
Amarello.
Ambar. Topazio. Settestrello!
Cor dos trigaes na seara abençoada!
E's a folha que vae... abandonada,
Rolando pela estrada
Empoeirada...
Da tua cor!
Amarello... Occaso. Hora do sol pôr...
Vieste, por acaso, da corôa
De um rei?... Ou de uma princezinha
Dos contos da carochinha?
E tornaste maior o esplendor
Das gerações antigas!
E's ouro. E's pó. E's luz que se esborôa.
Amarello. Cor sumptuosa,
Orgulhosa,
Que fallas no verão e evocas um thesouro...
Para mim, vens do sol e és feita das cantigas
Do meu canario louro!...

C O L O M B I N A

Yvette Rosolein,

da Companhia

Margarida Max

KILOMETRO

Kilometro —

Palavra-distancia

que risca a terra num milhar de metros.

Agora te espichas

em dura seccura

de recta.

Ou te torces e contorces

com curvas e contra-curvas,

como uma cobra geographica.

Aqui trepas, afoito, por um lombo de monte ;

alli desces, seguro, num fundo mergulho.

Acamas-te ás vezes em fofices de areia ;

ou, então, te endureces

na compressão

do chão.

Furada a floresta

e pulando o rio

em larga e longa ponte,

a planicie agora está riscada.

E' numa crista de aterro

que vaes pelo desvão

daquelle collo de morros.

Talhando a montanha

num corte profundo,

rasgaste a terra-roxa

que sangra, viva, ainda.

Tomas o pulso da Velocidade

contando-a, desfiada,

em horas

minutos

e segundos.

E divides, compassadamente,

o Tempo

e o Movimento.

AMERICO R. NETTO

Alchimia da vida

Noite de S. João. Faz frio, e o ceu é estrellado ; morteiros estalam, e balões, voaluzem na immensidade escura.

Num casarão archaico, um avarento conta dinheiro, faz calculos de juros, e contrae o rosto, ao segurar letras vencidas :

— Patifes, ladrões !.

— Que maluquice é essa, oh ! Custodio ? – advertiu o seu procurador que entrou de subito.

— Uns tratantes, parasitas que não cumprem o dever. Caloteiros !. meu caro Innocencio.

— Tudo é preciso, meu honrado Custodio ; no movimento da vida, tudo é mister. E queres saber ?

— ? !

— O Jeremias morreu.

— Deixaria alguns predios, terrenos, ou coisa que valha dinheiro.

— Nada.

— Nada, virgula : deixou-me tres letras de um conto de reis, com juros vencidos hontem, a trez e meio.

— Reza-lhe por alma ; e amanhã, tens que ir ao enterro : prometti á familia.

— Ainda mais essa ; mais quinze mil reis. Não : não vou.

— Tem paciencia ; a não ser que voce queria fazer a cobrança das casinha da Lapa .

— Está bem, já que prometteste.

Nunca a esqueletica figura da Morte tivera feito que o nosso avarento Custodio meditasse, um minuto siquer, no seu mysterio. E aos solavancos num reles automovel de aluguel, pela Angelica acima, elle perguntou aos seus botões : — "mas, o que sera isso, depois da morte ? esse inferno ?. esse ceu ?. essa tanta coisa que dizem, que horrorisa um homem. " E encostou-se ao fundo do carro, como se sentisse o frio da mente, cortar-lhe as veias.

O cortejo funebre passava agora em frente de uma casa sua ; e como um despertar, tornou a inquirir : — "mas, se eu morrer de hoje para amanha, se eu morresse agora ; não, isso não ; deixava tudo. predios. . appolices. dinheiro. o meu rico dinheiro. Tenho que deixar tudo. não".

O automovel parou no portão do Araça. Carrancudo, sombrio, como se fosse parente do morto, Custodio desceu ; e caminhou ao lado dos outros, meio nervoso, meio parvo.

O tangido da sineta timbrou por entre a cidade eterna, á chegada de mais um. .

Chegaram a cóva ; a terra é fresca, côr de sangue, apodrecida, e pegajosa. E' a primeira vez que o avarento, nos seus trinta e oito annos, assiste a um sepultamento. A abertura quadricular, enegreceu-lhe a vista ; e quando mergulharam o ataude no ventre da terra, inexplicavelmente, começou a chorar E imitando os outros, deitou tambem uma pá de cal e abraçou sem dizer uma palavra, um irmão do morto.

Aquella hora, o dia findava ; o sol era vermelho por entre as nuvens queridas do poente, que sempre riem ou choram, ao seu morrer. Custodio percorreu algumas alamedas do campo santo, com admiração ; numa quadra, coveiros abrem novas covas. e a sineta, outra vez, num som fino e inervante, annuncia a chegada de mais um. . aquelle som, entrou-lhe pelo cerebro, como marteladas, cortou-lhe o coração como punhais, amedrontou-o, como se viessem a traz delle, os phantasmas da Morte... e fugiu para a rua.

De volta, ao sentir a sensação da velocidade,ao ver passarem mulheres que o olhavam, tornou : — "a vida é tão linda, tão cheia de encanto... parece que inda hontem tinha oito annos. tenho criminosamente esturgado a minha existencia, a minha mocidade. na mesquinhez, na ambição, em privações nojentas !. e se eu morrer amanhã ; deixo tudo. . tudo. para os outros, que me jogaram cal !... E deu ordem ao motorista, para correr, correr sempre ; rodar, queria saborear a vida.

E na vertigem deliciosa da velocidade, continuou : — "deixar tudo... tudo, que tanto me tem custado, e nada valido, não : a vida é linda. tem encantos. é é curta !. a morte. . a morte só quer o corpo. . é eterna. . não : deixar tudo, não".

Um anno depois, os jornaes publicavam a seguinte noticia : — Paris – Appareceu morto, á porta de um elegante "cabaret", o grande capitalista, bohemio e philanthropo Custodio Franco de Meneses.

Antonio

Augusto

Pousada

CONTAGIO

Madrugada.

Céu uniformemente esbranquiçado. Parece um borralho coberto de cinza. Tudo quietinho, quietinho no bairro operario. De repente um vento enjoado soprou a cinza do céu. E o sól appareceu vermelho como braza.

Manhã.

Tudo acorda na villa de casinhas pobres. Um bando garrido de moças, vae para o dynamismo das fabricas.

A rua movimenta-se.

Creanças e cães sarmentos.

A pequenina Luzia foi ao açougue.

Volta, correndo, na volupia de contar a mãe, uma novidade :

— "Chi ! máma ! O Beppo da Dona Gabriella !.. "

— "Que tem ? O automovel pegou ? Poverino !"

— "No ! Tem a cara toda cheia de pintas vermelhas ! Está doente, disse o carniceiro".

— "Que cousa ! Pensei que tinha morrido ! Que susto você me pregou, bambina louca ! De castigo, – fica em casa hoje. Senão você ainda pega a doença do Beppo. Não vá lá, eh ? ! Si você fôr á rua hoje, – olhe !" – e Philomena, levantando a barra poeirenta da saia, mostrou o tamanco tirador de teimas.

A pequena Luzia enfezou.

Jogou a carne, que comprára, em cima da mesa. Estirou a lingua para a oleographia da real familia italiana, só para fazer pique á mãe. (Philomena, felizmente não vio. Si visse, faria um berreiro que virava o cortiço de cabeça para baixo...). Depois foi para a janella.

Uma carroça passa na rua mal calçada.

E a creança pede, numa voz gritante, numa algaravia italo-brasileira :

— "Máma ! O homem do pão ! Io voglio um pão de róda !"

— "Que ? Mórta de fome! Um pão de róda ? Fique quieta, bambina ! Senão.. ".

O tamanco appareceu. Luzia calou a bocca.

— "Máma !"

— "Lascia-me !"

Philomena voltou-se irritada.

— "Olhe a Dona Gabriella na rua, Máma !"

Philomena correu á janella, arrumando as melenas cahidas sobre a testa.

Um ventinho frio entrou pela vidraça aberta e foi brincar com a lampada coberta de cordões rendados de papel de seda.

— "D. Gabriella ! Eh ! D. Gabriella !".

A interpellada, bojuda, com uma creança ao colo e outra no bojo, voltou-se.

— "D. Gabriella ! Como vá o Beppo" ?

— "Ammalato ! Tem o sarampo, disse o doutor".

Philomena, bôa mãe, não se conteve. Virou-se para dentro da salinha :

— "Luzia ! O Beppo tem o sarampo ! Não vá á rua, eh ? ! D. Gabriella interveio :

— 'Ma perche ? D. Philomena ! E' bom que a menina tenha sarampo logo. Quanto mais crescido o bambino, mais grave torna-se a duença. Olhe que si ella tiver depois de moça. ".

E lá se foi, bojuda, enormemente gorda.

Philomena fechou a janella devagarinho.

A consideração da outra fazia-lhe mal, não sabia por que. Olhou nervosa, demoradamente, a menina que brincava. E teve medo. Teve medo que a molestia lhe arrebatasse a filha que créara a tanto custo. Si Luzia morresse, ella ficava sozinha na vida. Sozinha. E lembrou-se do marido, esmagado entre as engrenagens duma fabrica pouco antes de nascer o diabinho loiro por quem temia agora. E chorou. A' noite não dormiu.

Via a pequena, toda de branco, com um vestido igualzinho ao do Menino Jesús da Igreja Matriz, deitada, rija, rija. E na sua inconsciencia de mulher sem instrucção, alguma cousa dizia que a culpada seria ella si lhe morresse a filha, porque preservára a menina dessas molestias que é preciso ter emquanto se é creança.

E ella quiz que Luzia tivesse o sarampo logo, emquanto pequenina. Havia de sarar de pressa. E quando crescesse, estaria livre desse perigo. Subito, uma resolução illuminou-a. Parecia sahir dum atoleiro :

— "Mandaria a menina, no dia seguinte, á casa de D. Gabriella".

Socegou.

Levantou-se antes do nascer do sól.

Chamou a filha. Vestiu-a. acarinhou-a.

Luzia ficou até espantada !

— Vá, mia bambina ! Vá visitar o Beppo !"

A menina não esperou segunda ordem.

Voou.

Só voltou á tarde.

Dias depois, Philomena chorava descabellada. A casa cheia. D. Gabriella, choramingando, explicava :

— "O mio Beppo não tinha o sarampo ! Tinha a escarlatina !"

E uma porção de meninas, encantada com a novidade, sahiu batendo nos portões das casas ricas, pedindo, esganiçada :

— Moça ! Uma flôr para um anjinho !"

— "Uma flor para um anjinho !"

PEDRO ANTONIO

A cruz da Viscondessa

Em uma aldeia de Portugal, cujo nome ignoro, morava uma viscondessa, senhora muito querida por todos, que tinha um filho, uma linda creança de oito annos.

A viscondessa possuia uma cruz de ouro toda cravejada de brilhantes, a joia mais conhecida e admirada pela sua belleza e pelo seu valor. Era a joia mais bonita da aldeia, e até houve quem affirmasse ser a mais bonita de Portugal.

Houve na aldeia uma forte epidemia infantil que atacava as creanças de dois a dez annos de idade. O filho da nobre senhora sendo atacado do mesmo mal, ella, como todas as outras mulheres do lugar, dirigia-se á capellinha da aldeia cuja padroeira era nossa Senhora do Soccorro, e pedia a saude do filho, offerecendo em troca desta a sua linda cruz de brilhantes.

Seu filho, achando-se inteiramente bom, ella cumpriu a promessa que fizéra, colocando a joia no collo da Virgem. Houve espanto geral quando viram na Santa, a cruz que a Viscondessa tanto ostentava.

Mas a epidemia continuava matando muitas creanças e as pobres mães passavam as manhãs todas na capella se lastimando em voz alta e supplicando aos Santos a saude dos entes queridos, de modo que o murmurio de vozes e os soluços incommodavam ao padre e as outras pessoas que alli fossem para rezar.

Diversos padres já haviam, pedido demissão daquella parochia pelo motivo de não poderem áfastaras senhoras da Egreja e por não poderem supportar aquelle barulho.

Mas appareceu lá um padre espanhol mentiroso e muito esperto que declarou ao vigario : Se elle conseguisse afastar da Egreja as senhoras que tanto barulho faziam na casa de oração, deveria subir á categoria de vigario. Acceita a proposta, o padre tornou-se o capellão do lugar, e todos respeitavam-no.

Não conseguindo com boas palavras afastar as senhoras, elle engendrou um plano.

No primeiro domingo após a entrega da cruz á Santa pela viscondessa o padre ainda aguentou toda a manhã o vozerio das mulheres.

No domingo seguinte, todos notaram com grande espanto, a falta da cruz no pescoço da Santa. — Quem poderia ter commetido tamanho sacrilegio ? Notaram tambem que a Virgem estava com o manto em desalinho, como se tivesse sido remexida, e mesmo a estatua estava fora da posição do costume.

A hora da pratica, o padre subiu os degraus do pulpito e, depois de uma curta oração começou :

Meus irmãos : Hontem á noite, deu-se um milagre na vossa capellinha. Como todos vós sabeis, tenho o meu quarto perto do altar, fica ao lado da sachristia. Ainda não tinha terminado as minhas orações da noite, quando ouvi um rumor de passos no corredor. Levantei-me apressado, julgando ser ladrão, mas qual não foi o meu espanto quando me vi diante de Nossa Senhora em pessoa com a cruz da viscondessa na mão que me dizia : Filho, eu não sou deste mundo e não necessito de joias ; mas deve haver muita gente no mundo que esteja suspirando por uma. Essa cruz deve ser entregue á ultima senhora pobre que entrar na Egreja.

As mulheres que antes apressavam-se em entrar na Egreja mal o sachristão abria a porta, agora afastavam-se bem della, pois cada uma queria ser a ultima a entrar. Assim conseguiu o astuto capellão tornar-se vigario e espantar por muito tempo as mulheres da Egreja.

Seraphim Cherubim

Não Matarás!

A igreja estava cheia. Do pulpito, gestos graves, o sacerdote conseguira prender a attenção da massa compacta que se estendia até a porta.

A sua voz electrisante ecoando pela nave, parecia pentrar o ouvido das imagens fazendo-as vibrar.

Encostada á porta, encolhida, uma senhora resava, olhos pregados no Altar Mór. Ao seu lado, luto fechado, pallido, encovado, bebendo syllaba por syllaba as palavras do velho pregador, um moço deixou escapar uma lagrima.

— O senhor está sentindo alguma cousa?

— Minha senhora, eu sinto agora uma vontade forte de me conciliar com Deus.

— Faz bem, meu filho, é uma grande cousa viver bem com Deus.

— Eu tenho vivido longe da igreja. Não aprendi catecismo e não fiz ainda a minha primeira comunhão.

— Que peccado! mas, ha remedio. Ensinar-lhe-ei, se consente, e dentro de um mez será um bom christão.

— Como eu lhe agradeço, mas, onde encontrarei um cathecismo?

— Meu filho: Na Casa Santa Ephigenia dos Senhores M. Silva e Cia., a rua de Santa Ephigenia numero quarenta e cinco. Lá encontrará: Rosario, livros de missa e de piedade, santinhos, medalhas, imagens, alfayas, paramentos, artigos variados para presentes, e um lindo sortimento de fitões de S.S. Sacramento, do Coração de Jesus, e mais Associações catholicas.

— Obrigado, minha senhora. Irei á casa Santa Ephigenia dos Senhores M. Silva e Cia.

— Vá, ficará contente, e amanhã começaremos as nossas licções.

Do pulpito, gestos graves, o velho pregador terminava o seu sermão: ...e amae a Deus sobre todas as cousas!

O PRIMEIRO CONCURSO DE "ARLEQUIM"

Está quasi terminado este primeiro concurso de amor, aberto, um dia, pelo "Arlequim" e que tanto e tão grande interesse conseguiu despertar. Restam-nos, ainda, na gaveta, algumas dezenas de cartas, que serão pouco a pouco, dadas á publicidade. Depois, Maria Luiza Paturau Nielsen de Oliveira, Amadeu Amaral, Cleomenes Campos e Amadeu de Queiroz, — ficou assim organisada a commissão julgadora — dirão de todas qual a mais bonita. E o seu autor ou autora receberá um premio que lhe lembre sempre que elle foi, entre tantos, o que melhor soube exprimir o seu amor. E isto é tão difficil . . .

Meu querido Afranio

Não fosse a certeza de que nunca mais me verias e nunca, nunca te chegaria ás mãos esta minha carta.

Pobre carta de amor! Tu levas para o olhar ironico e zombeteiro do meu querido Afranio a confissão do meu sincero affecto, confissão essa que me pende dos labios ha muito tempo.

Consoante o meu velho habito de guardar, avaramente, no coração os sentimentos mais caros que o empolgam, foi que defendi dos commentarios que seriam quem sabe grotescos o sentimento que tem sido o porque de minha vida.

Sim Afranio, o porque da minha vida, porque sem essa illusão, eu não concebo a vida !...

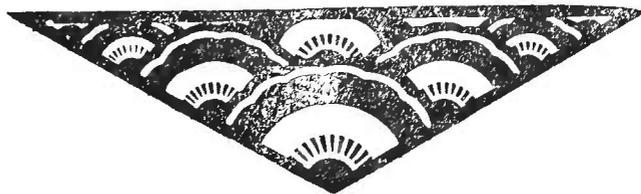
Eu te dedico Afranio, um amor immenso, um amor que tem tomado todas as modalidades. Muito me custou confirmar a suspeita de que os desencontrados sentimentos, a desordem de ideias que sentia ao me encontrar em tua presença, ou a evocar a tua doce personalidade, fosse o amor, a setta que o travesso menino malcriado, zombando da minha inesperiencia e ingenuidade atirou com um riso galhofeiro. Digo ingenuidade porque em amor, meu Afranio, – deixa-me a illusão de chamar-te assim, – sou um bêbê que fica com raiva, chora, e dahi a instantes sorrindo, está prompto a perdoar.

Mas ia-me esquecendo... dizia que o meu amor por ti tem tomado todas as modalidades possiveis. E' uma doença da minha penna que como o meu pensamento gosta de devanear. Quando me senti alquebrada, escravisada sob este affecto, achei doce a situação. A minha sensibilidade achou tudo romanesco. Um desejo ardente de tudo dar sem nada receber, transbordava-me de todo o ser, prompto á renuncia. Na tua companhia sentia um resejo immenso de derramár sobre a tua pessoa a onda de affectos e ternuras que me possuia. Depois, essa vida aborreceu-me. Senti-me revoltada, quiz luctar contra esse sentimento ; na minha imaginação quasi doentia, via-te desprezando-me, aviltando-me e quiz odiar-te. Oh! como soffri então! O meu amor que tinha gosto de flôr, teve então o travo do fel! Assim torturada, luctando contra o impossivel, vivi num martyrio, que apezar dos pezares foi doce.

Hoje, vencida, cançada dessa lucta horrivel contra o destino que te poz na minha frente, mando-te a confissão do meu amor.

Afranio, eu te amo mais que a propria vida. Estas pobres linhas, peço depois de lel-as, dal-as á misericordia do fogo. E que no teu nobre coração guardes, pela grandeza do meu amor, um logarsinho para o meu nome. Não peço o teu amor, prohibo-te que me lastimes.

Continua a ser indifferente apenas.

ELYSABETH.

Querida

Depois de algum tempo de ausencia, venho quebrar o silencio que pairava entre nos dois.

Não venho com esta missiva, reencetar o nosso amor, hoje, talvez, bem mais brando que outrora.

Após os bilhetes apaixonados que me enviaste, tive impetos de romper a distancia que nos separava, e ir para juntode ti, affrontar todas as consequencias que haveriam de surgir, fatalmente.

Mas a Razão me dizia – não vá.

E me deixei ficar.

Bem sabes que manda o bom senso que não nos amemos. A religião que te suavise as dores nas horas de tristeza, tambem não permitte a existencia desse affesto clandestino em teu coração.

Não ha lei que abençoe a nossa união.

Perante Deus, perante a Familia, perante a Sociedade, seriamos amaldiçoados, uma vez unidos.

E que seria de nós si um contacto furtivo nos approximasse?

O incendio dos nossos desejos levar-nos-ia á loucura. Não nos affastariamos tão depressa.

A nossa louca paixão seria sufficientemente forte para não o consentir.

A tragedia ahi começaria.

E depois? bem sabes que o delirio é fugaz.

Um dia, já sem o mesmo ardor de outróra eu sentiria o declinio do amor... ou o mesmo succederia comtigo. E a consequencia implacavel como uma sentença de morte, levar-te-ia á realidade d'uma insuportavel situação.

Eu menos acorrentado á responsabilidade, seria o menos infeliz. Iria por este mundo, sósinho, como sempre fui, quiçá, em busca de novas sensacções.

Penso, pois, que, evitando-te, querida, não te fiz mal.

No amor, muitas vezes vencem os covardes, fugindo. Raciocina bem e me darás razão.

Si me amas de facto como dizes; si não é um simples capricho ou banal desejo o que por mim sentes, continua a viver num mystico ambiente de pura espiritualidade, que poderás prolongar esse affecto sem te sacrificar. Es bella de mais para soffrer.

As vezes me lembro de ti demoradamente... Mas te vejo tão longe, tão distante que sinto uma certa volupia em não te ver junto de mim.

Será possivel que não mais te amo? Não sei. sei apenas que logo ao te deixar chorava muito.

Velava noites de insomnia pensando em ti, e no unico beijo que te dei tremente de emmoção.

Hoje, mais calmo, apenas percebo que, cada vez se distancia de mim o teu vulto esquivo de mulher que seduzi... amei... e por isso não quiz desgraçar.

Perdoa-me si iniciei este romance cujo epilogo não quero desvendar. Perdo-ame.

A tua missão na vida é sublime. Vive para o teu lar. Es mulher. Sê virtuosa.

Esquece-te de mim, que degenerado no amor e descrente da vida só te poderia fazer infeliz.

Eu me orgulho dessa renuncia porque ella é prenuncio do sacrificio; porque symbolisa a voz da consciencia que me diz: — praticaste um bem. Salvaste uma fragil mulher prestes a descer o primeiro degrau para o abysmo.

Adeus para sempre

Rajah.

O INDICADOR DE "ARLEQUIM"

Indicador Profissional